

# DIVERSOS

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

Essa tal "emenda dos conselheiros" e aquele "mandato também" são aspectos diferentes, faces diferentes de uma só coisa: o desejo furioso, incontrolado, indistigado, que tem o sr. Juscelino Kubitschek de continuar de algum modo a respirar o cheiro do poder e do prestígio. Sem isto, sua excelência sufoca, como aliás confessou num programa de televisão quando lhe perguntaram o que contava fazer depois de terminar o mandato: morrer de tédio, disse o Presidente. Por onde se vê que o mandato e suas volumosas consequências são a medicina preventiva do doutor Juscelino. Em princípio poderá parecer sensata e até generosa a idéia de ter no senado, formando um conselho, os ex-presidentes da republica. Enunciada em voz grossa e pausada, a proposição ganha uma gravidade capaz de seduzir; mas pensando nos poderes que têm um Presidente em nosso regime superpresidencialista, pensando na irresponsabilidade que acompanha tal concentração de poder, a lógica democrática está a exigir que, logo depois de entregar a outro a faixa presidencial, fique nu, nu de imunidades, o ex-presidente, pois de outro modo se consagra o princípio da perpetuidade da irresponsabilidade. O que o sr. Juscelino Kubitschek, que pela voz de seus levadores de recados, como o sr. Hugo Gouthier, é um pique. Além de querer aquele cheirinho de Senado, e além de querer também, embora isto seja para ele hoje uma insignificância, o subsídio. A idéia burguesa de prolongar vida afora os títulos dos cargos funcionais, e de chamar de senador ou embaixador quem já não possui embaixada ou assento na Câmara Alta, é um ranço monárquico que forma combinação muito ruim com o caldo republicano. Creio ser de bom quilate democrático desejar que o Presidente que termina o mandato seja o menos presidencial dos ci-

dadãos. E se a constituição não autoriza a reeleição há de ser por motivo parecido. Não posso levar meu voto à Câmara, por não ter cadeira; mas posso gritar d'aqui meu voto de jornalista, de cidadão: sou contra, violentamente contra essa "emenda conselheiros" tão inofensiva aparentemente.

E' curioso que tal idéia só tenha aparecido no Brasil agora, na presidencia que tem, digamos assim, atrofiados os traços conselheiros que sempre fazem parte da fisionomia dos homens publicos. Nosso irrequieto Presidente se gaba de ser irrequieto, e chega a definir, fundando assim nova filosofia política, a função de governança em termos de máxima mobilidade. Pelo que temos ouvido em mais de um discurso, o homem parece sincero em suas convicções: ele pensa, realmente, que governar é andar sobrevoando o planalto num Viscount ou sobrevoando as obras da Sursan num helicóptero. O jornal governista dizia que sua excelência estava fiscalizando as obras, o que acrescenta um traço novo ao conceito de presidencia da republica, além de trazer um novo estilo de fiscalização de obras que os engenheiros ainda não descobriram. Tudo isto, meus amigos, pode ser engraçado, mas quando é um engraçado que em três anos dobrou o preço das utilidades essenciais, não sei com que boca rir. Não! decididamente não há razão nenhuma que aconselhe a tal emenda dos conselheiros, depois das definições dadas pelo Presidente Kubitschek. Ele não é homem que se prenda numa galola, ainda que seja de ouro e tenha alpiste à vontade. Ele quer voar, voar! Ele disse em discurso que não tem vocação para obras pequenas, de onde se deduz facilmente a ânsia de espaço. Vejam bem senhores deputados, a imprudência terrível que cometerão se aprovarem a tal emenda e se quiserem levar avante as consequências lógicas e fisi-

cas da dita. Será preciso ampliar desmedidamente o Palácio Monroe, para permitir que dentro dele esvoace à vontade o helicóptero sem o qual o ex-presidente não saberá opinar, informar, aconselhar, como durante o exercício não soube governar, ou não poderia governar, se é exata a sua filosofia. Sem essas máquinas a Republica teria votado em vão uma emenda, e terá de pagar um subsídio a mais a um páldio e triste inativo. Sim, inativo, inválido, doente, moribundo de tédio: eis o conselheiro que a bancada governista quer inculcar ao país! Dá até pena pensar no que será o sr. Juscelino Kubitschek quieto, sentado num canto sombrio do velho e exiguo palácio. Não! quem não tem vocação para coisas pequenas não pode ser vogal de um conselho que terá de ficar na sua consultiva imobilidade, como um dicionário.

—X—

Nesse meio tempo morrem em Uberlândia três pessoas vítimas do conflito travado entre populares e policiais por causa do aumento de preço de entrada dos cinemas. Devemos notar, de passagem, que o preço de cinemas no Brasil é um dos mais baixos do mundo, em comparação com outras utilidades. Mais de uma vez já dissemos, em mais de um tom, que o povo brasileiro não realizou bem o fenômeno do encarecimento de vida e mostra particular animosidade contra os serviços publicos, quando não é aí que está a carestia. Não é em cinemas, não é em fretes, não é em telefones ou taxas telegráficas que a vida está cara. E' em comida. As distorções de preços produzidas pela inflação produzem refrações que os populares interpretam mal, e com isso morre gente, como aconteceu em São Paulo e agora acontece em Uberlândia. Mas a rigor nem é a comida que está cara em primeira instância e como causa principal da chamada carestia da vida; o que está caro para os brasileiros é o governo que temos. Este é que é o ponto. E' pena que tenha morrido estupidamente o menino Sergio de 13 anos, a menina Maria Euripedes de 13, e a mulher não identificada, em Uberlândia.

—X—

E nesse meio tempo estragam-se em Santos toneladas de leite em pó doado às crianças do Brasil pela FISI. Parece evidente que a FISI se interessa mais pelas crianças do Brasil do que os burocratas brasileiros que deixam apodrecer a alienígena generosidade. Talvez o façam por princípio nacionalista!

—X—

E nesse meio tempo continua lá na Hospedaria Getulio Vargas, em Fortaleza, aquela rotina conhecida. Diz o sr. Colombo de Sousa, pelo que leio, que morrem quatrocentas crianças por dia, o que já chega a ser montante de perdas de uma batalha. E na verdade há uma batalha. Ou uma operação, como dizem hoje: operação deixar morrer crianças brasileiras.